

**Cibelle Cristina Lopes e Silva<sup>1</sup>**

**Resumo:** Este artigo é parte de uma tese de doutorado, que teve por objetivo problematizar as vivências de estudantes trans\* na Universidade Federal do Maranhão. Aqui, especificamente, a discussão está voltada para discutir as reivindicações em torno dos currículos e da produção de conhecimento na universidade. A estratégia metodológica utilizada foi a entrevista narrativa, considerando a análise do discurso de inspiração foucaultiana. O argumento desenvolvido é o de que a produção do conhecimento disseminada nas universidades, nos processos formativos, nas discussões dos grupos de estudos e pesquisas e nas elaborações de propostas curriculares parece ainda estar organizada e vinculada às diretrizes que não consideram homens negros, mulheres negras, pessoas LGBTQIA+ e qualquer outra identidade em dissonância do homem branco, cisgênero e heterossexual.

**Palavras-chave:** trans\*. Currículo. Universidade Pública.

#### **TRANS\* CLAIMS TO CURRICULUMS AND KNOWLEDGE PRODUCTION AT UNIVERSITIES**

**Abstract:** This article is part of a doctoral thesis, which aimed to problematize the experiences of trans\* students at the Federal University of Maranhão. Here, specifically, the discussion is focused on discussing the demands around curricula and knowledge production at the university. The methodological strategy used was the narrative interview, considering the discourse analysis inspired by Foucault. The argument developed is that the production of knowledge disseminated in universities, in the training processes, in the discussions of study and research groups and in the elaboration of curricular proposals seems to still be organized and linked to guidelines that do not consider black men, black women, LGBTQIA+ people and any other identity in dissonance with the white, cisgender and heterosexual man.

**Keywords:** trans\*. Curriculum. Public University.

#### **RECLAMACIONES TRANS\* A LOS CURRÍCULOS Y LA PRODUCCIÓN DE CONOCIMIENTOS EN LA UNIVERSIDAD**

**Resumen:** Este artículo forma parte de una tesis doctoral que tuvo como objetivo problematizar las experiencias de estudiantes trans\* de la Universidad Federal de Maranhão. Aquí, específicamente, la discusión se centra en discutir las demandas que rodean los currículos y la producción de conocimiento en la universidad. La estrategia metodológica utilizada fue la entrevista narrativa, considerando el análisis del discurso de inspiración foucaultiana. El argumento desarrollado es que la producción de conocimientos difundidos en las universidades, en los procesos de formación, en las discusiones en grupos de estudio e investigación y en la elaboración de propuestas curriculares aún parece ser organizado y vinculado a lineamientos que no consideren a hombres negros, mujeres negras, personas LGBTQIA+ y cualquier otra identidad en disonancia con el hombre blanco, cisgênero y heterosexual.

**Palabras clave:** trans\*. Plan de estudios. Universidad pública.

<sup>1</sup> Professora Adjunta da UFMA.



## INTRODUÇÃO

Este artigo é parte de uma tese de doutorado, que teve por objetivo problematizar as vivências de estudantes trans\* na Universidade Federal do Maranhão, uma vez que a entrada e a permanência de pessoas trans\* na Universidade pública convocam-nos a tencionar a Educação brasileira, as nossas práticas educativas, os nossos materiais didáticos, as nossas relações com as identidades, problemáticas que constituem o processo de construção dos sujeitos em meio a saberes.

Aqui, especificamente, a discussão está voltada para discutir as reivindicações em torno dos currículos e da produção de conhecimento na universidade. O argumento desenvolvido é o de que a produção do conhecimento disseminada nas universidades, nos processos formativos, nas discussões dos grupos de estudos e pesquisas e nas elaborações de propostas curriculares parece ainda estar organizada e vinculada às diretrizes que não consideram homens negros, mulheres negras, pessoas LGBTQIA+ e qualquer outra identidade em dissonância do homem branco, cisgênero e heterossexual. Se tomarmos o currículo como o fio condutor da formação acadêmica, observamos a invisibilidade de discussões que contemplem essas identidades e, inclusive, a falta de reconhecimento dessas pessoas como intelectuais e produtoras de conhecimento.

Discutir as questões de normatização das identidades nos currículos, nas metodologias e nos processos pedagógicos das universidades, a partir desses modos de endereçamentos, possibilita-nos pensar nos modos com os quais esses endereçamentos têm se estabelecido, ao longo da história, em consonância com os padrões cis-heteronormativos, estabelecidos sob a trindade normativa do sexo/gênero/desejo.

Entendo currículo aqui a partir dos aportes teóricos pós-críticos. Assim, apesar de um currículo ser “cheio de ordenamentos, de linhas fixas, de corpos organizados, de identidades majoritárias” (Paraíso, 2009, p. 278), há sempre, nele, possibilidade de encontro com o inesperado, com aquilo que não está prescrito, com a criação de possíveis para fazer vidas e corpos que não importam, que são objetos de políticas do fazer morrer, encontrem lugar e espaço para tornarem-se vivíveis. Nesse sentido, currículo pode ser compreendido como um “composto heterogêneo, constituído por matérias díspares e de naturezas distintas; por saberes diversos e com capacidades variadas; por sentidos múltiplos e com inúmeras possibilidades” (Paraíso, 2009, p. 278). Para isso, ele precisa estar conectado com a vida, com o que pulsa e faz viver. Aqui buscamos mobilizar as as



**XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares**  
**VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e**  
**Práticas Educativas**  
**IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo**

**"CRIAÇÕES DOCENTES E REIVENÇÕES CURRICULARES: escritas com outros mundos possíveis"**

vivências de estudantes trans\* e suas reivindicações aos currículos universitários para pensar possibilidades, brechas, encontros com essas vivências para modificar os currículos estratificados, formatados e padronizados que ainda existe no ensino superior.

A estratégia metodológica utilizada foi a entrevista narrativa, considerando a análise do discurso de inspiração foucaultiana. Discutiram-se os processos de constituição dos sujeitos e os modos de subjetivação que atravessavam as pessoas que participaram da pesquisa. Com isso, foram narrados encontros e desencontros, descobertas e desafios que, considerando determinados contextos e tempos históricos, expressaram as vivências de pessoas trans\* na sua relação com a universidade.

## **REIVINDICAÇÕES EM TORNO DOS CURRÍCULOS E DA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA UNIVERSIDADE**

Iniciamos esta seção retomando um dos trechos da narrativa de Julia. Ela nos diz:

*Eu falei muito sobre gênero e sexualidade em vários eventos da psicologia, também da comunicação, até hoje a comunicação me chama, né? Eu tive um evento, acho que tá com uns 15 dias, da comunicação, que foi uma roda de bate papo. A grande maioria era sobre gênero e sexualidade. Até me incomoda um pouquinho isso, porque outro dia eu fiz um comentário, né? Até quando vão chamar uma pessoa trans para falar sobre gênero e sexualidade? E eu levar essa discussão para a universidade, é eu querer fazer com que a universidade pense sobre o assunto com outros olhos. Agora, eu ser chamada para falar somente sobre isso, é a universidade querendo me limitar, né? (JÚLIA, MULHER TRANS\*, 2021).*

A narrativa de Júlia permite-nos tecer algumas considerações a respeito do lugar da discussão de gêneros e sexualidades na universidade, a partir das suas experiências. A frase: “Até quando vão chamar uma pessoa trans para falar sobre gênero e sexualidade?” parece-nos dizer da insatisfação de Júlia sobre a premissa de uma obrigação atribuída às pessoas trans\* em discutir gênero e sexualidade e serem acionadas somente para falar disso. Maitê também relata um desconforto semelhante: “muitas vezes as pessoas me convidam para debater sobre gênero, eu falo: gente, eu posso debater sobre minhas vivências, agora, teoria, eu ainda estou indo atrás” (MAITÊ, MULHER TRANS\*, 2021).

Em um outro momento da entrevista, Júlia diz: “Eu falei muito sobre gênero e sexualidade em vários eventos da Psicologia, da Comunicação, até me incomoda um pouquinho isso... eu gosto

Organização:



Apoio:



Fomento:



**João Pessoa - Paraíba, 25, 26 e 27 de setembro de 2024**



**XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares**  
**VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e**  
**Práticas Educativas**  
**IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo**

**"CRIAÇÕES DOCENTES E REIVENÇÕES CURRICULARES: escritas com outros mundos possíveis"**

*de falar disso, acho importante? Acho, mas aí você limita a pessoa, né?". Roney Polato (2014) tece algumas considerações a respeito da organização dos currículos e sua relação discussão de gêneros e sexualidades. O autor considera que eles são pensados e organizados em um movimento que envolve disputas e relações de poder, frequentemente entrelaçadas por conflitos, tensões e negociações. Especificamente, quando pautamos as questões de gêneros e sexualidades, deparamo-nos com o enfrentamento dos discursos construídos pelas instituições conservadoras, as quais ignoram a laicidade do Estado.*

A narrativa de Júlia encontra-se com os argumentos do autor, especialmente quando ele diz que as discussões que envolvem gêneros e sexualidades costumam estar relacionadas às trajetórias individuais de docentes e geralmente estão atreladas à militância acadêmica, fruto de processos pessoais e posicionamentos políticos. Júlia destaca a inquietação e o incômodo ao ser acionada na universidade sempre para falar de gênero, em virtude de sua identidade, o que ela percebe como um modo de aprisionamento e obrigação que não a deixa confortável. Ela denuncia, inclusive, os processos de silenciamento e a invisibilidade da temática nos currículos dos cursos de graduação:

*... E, já no final da minha graduação, no meu curso, Turismo e Hotelaria, coordenação de curso, olha só, eu consegui mexer com dois cursos, Turismo e Hotelaria colocaram uma cadeira sobre gênero e sexualidade. Na verdade, eu arrisco a dizer que não tinha nada em curso nenhum. Porque, quando eu cheguei na Psicologia, conversando com dois colegas que já são psicólogos, e aí até colocando umas questões em sala de aula, eles disseram assim: a gente nunca teve uma aula para falar disso, né? (JÚLIA, MULHER TRANS, 2021).*

Rogério Diniz Junqueira (2012) aponta que o silenciamento e a invisibilidade da discussão de gêneros e sexualidades nos currículos escolares oficiais têm sido lidos como um modo implícito de lgbtfobia e até de convivência, por parte de docentes, com os processos de violência sofridos pelas pessoas cujas identidades, tanto de gênero quanto de sexualidade, escapam dos padrões impostos pela cis-heteronormatividade. Guacira Lopes Louro (2003) argumenta que, ainda que as discussões que envolvem gêneros e sexualidades tenham avançado, os currículos universitários ainda não contemplam as identidades entendidas como não enquadradas aos padrões de normalidades, ou seja, as problematizações ainda visibilizam identidades cis-heteronormativas. Júlia questiona o fato de não ter encontrado disciplinas na universidade que contemplassem a discussão e denuncia a normatividade presente nas discussões realizadas pelos grupos de pesquisas:

Organização:



Apoio:



Fomento:



**João Pessoa - Paraíba, 25, 26 e 27 de setembro de 2024**



**XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares**  
**VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e**  
**Práticas Educativas**  
**IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo**

**"CRIAÇÕES DOCENTES E REIVENÇÕES CURRICULARES: escritas com outros mundos possíveis"**

*Porque a gente nota que a universidade, ela tem uma diretriz, ela se propõe a ser, né? Um ambiente plural, um ambiente diverso, mas quando você adentra a universidade, você vê que não é. E os discursos universitários, e aí eu cito por exemplo os vários grupos de gênero que tem nas universidades, eles só discutem o seu próprio gênero. Então quando eu participei de um grupo de gênero, na universidade, que eu trouxe a questão da transexualidade, as pessoas ficaram boquiabertas ou chocadas, né? E, aí eu perguntei: "mas de que gênero vocês estão falando? Do gênero de vocês?". É muito cômodo, até porque a gente sabe que, quando a gente começa a falar de gênero, os homens se abstêm, porque parece que eles não têm gênero, né? Eles são girinos. (JÚLIA, MULHER TRANS, 2021).*

Ainda segundo Guacira Lopes Louro (2003), as discussões curriculares e a própria organização dos currículos contribuem para a sistematização dos padrões cis-heteronormativos, fazendo com que as identidades lidas como fora da norma ou diferentes dos padrões considerados como referência pareçam estranhas ou exóticas. Há um outro momento na narrativa de Júlia que dialoga com as considerações da autora: *"uma menina estava defendendo um trabalho sobre licença maternidade, aí eu perguntei: vem cá, e um casal trans\*, onde quem engravida é o homem, como é que fica?"* (JÚLIA, MULHER TRANS\*, 2021). São questões que são problematizadas quando há a presença de uma identidade trans\* no espaço acadêmico, pois sabemos que o currículo é uma construção social não-neutra.

Rogério Diniz Junqueira (2010) chama atenção para os lugares em que essas considerações alocam determinadas identidades, segregando-as entre normais e anormais, fazendo com que os diferentes espaços educativos reproduzam violências cotidianas sustentadas por preconceitos e discriminações. Essas construções não estão explícitas ou institucionalizadas nos currículos, elas se organizam e operam pelas vias de discursos e práticas sutis presentes nos currículos oficiais. Esses discursos e essas práticas são regulamentados pela cis-heteronormatividade, que faz parecer normal ou natural os ideais estabelecidos a partir da cisgeneridade masculina e heterossexual. Para o autor, a construção desse currículo, pensado com referências masculinas e heterossexuais e estabelecido como lugar de produção e reprodução desse padrão caracterizado como normal, regulamenta o conhecimento e as identidades de acordo com normas que condicionam os pensamentos, os corpos, as identidades de gênero e sexuais com base em um referencial que institui e naturaliza como diretriz, a cis-heteronormatividade:

Organização:



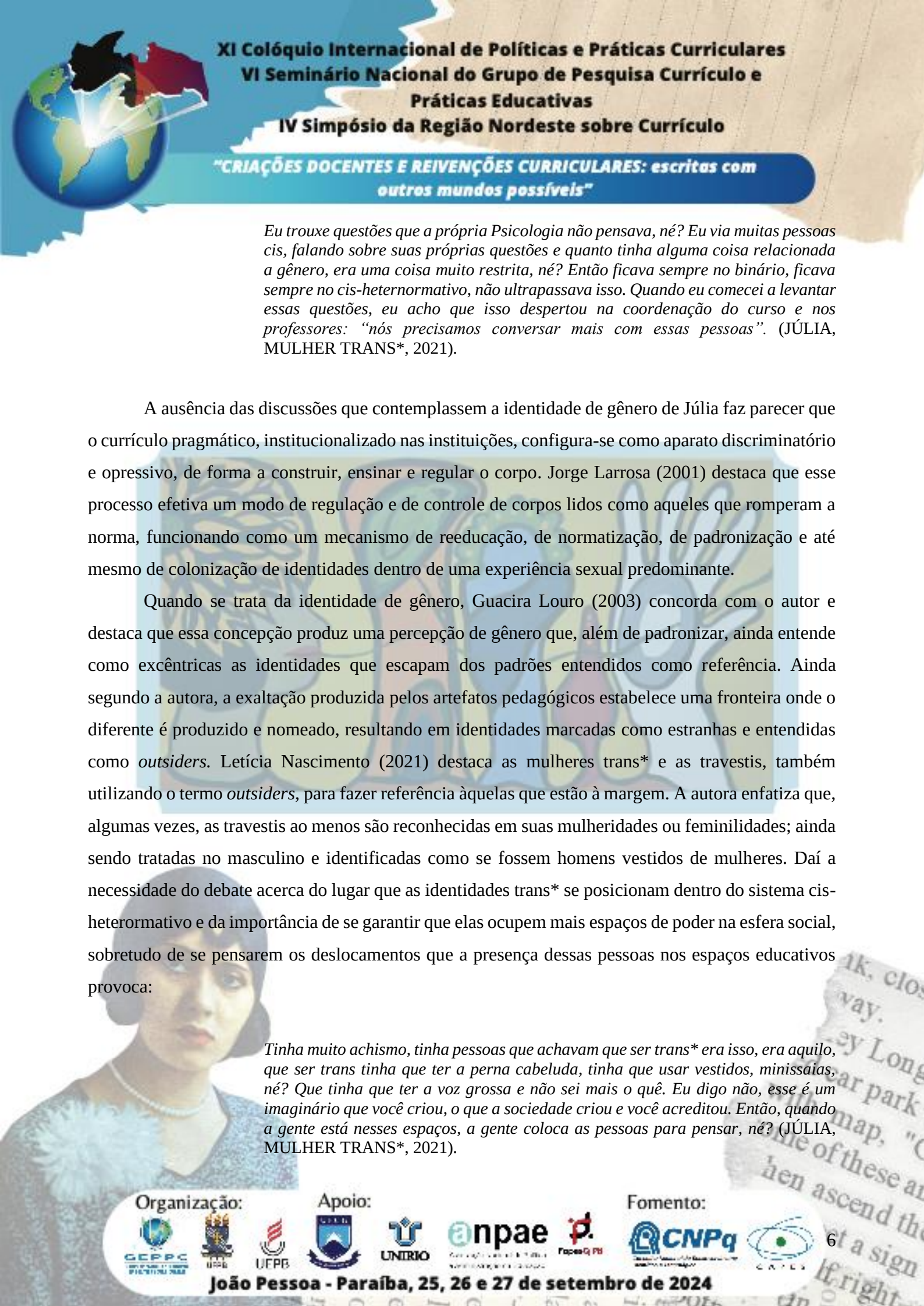
Apoio:



Fomento:



**João Pessoa - Paraíba, 25, 26 e 27 de setembro de 2024**



**XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares**  
**VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e**  
**Práticas Educativas**  
**IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo**

**"CRIAÇÕES DOCENTES E REIVENÇÕES CURRICULARES: escritas com outros mundos possíveis"**

*Eu trouxe questões que a própria Psicologia não pensava, né? Eu via muitas pessoas cis, falando sobre suas próprias questões e quanto tinha alguma coisa relacionada a gênero, era uma coisa muito restrita, né? Então ficava sempre no binário, ficava sempre no cis-heteronormativo, não ultrapassava isso. Quando eu comecei a levantar essas questões, eu acho que isso despertou na coordenação do curso e nos professores: "nós precisamos conversar mais com essas pessoas". (JÚLIA, MULHER TRANS\*, 2021).*

A ausência das discussões que contemplassem a identidade de gênero de Júlia faz parecer que o currículo pragmático, institucionalizado nas instituições, configura-se como aparato discriminatório e opressivo, de forma a construir, ensinar e regular o corpo. Jorge Larrosa (2001) destaca que esse processo efetiva um modo de regulação e de controle de corpos lidos como aqueles que romperam a norma, funcionando como um mecanismo de reeducação, de normatização, de padronização e até mesmo de colonização de identidades dentro de uma experiência sexual predominante.

Quando se trata da identidade de gênero, Guacira Louro (2003) concorda com o autor e destaca que essa concepção produz uma percepção de gênero que, além de padronizar, ainda entende como excêntricas as identidades que escapam dos padrões entendidos como referência. Ainda segundo a autora, a exaltação produzida pelos artefatos pedagógicos estabelece uma fronteira onde o diferente é produzido e nomeado, resultando em identidades marcadas como estranhas e entendidas como *outsiders*. Letícia Nascimento (2021) destaca as mulheres trans\* e as travestis, também utilizando o termo *outsiders*, para fazer referência àquelas que estão à margem. A autora enfatiza que, algumas vezes, as travestis ao menos são reconhecidas em suas mulheridades ou feminilidades; ainda sendo tratadas no masculino e identificadas como se fossem homens vestidos de mulheres. Daí a necessidade do debate acerca do lugar que as identidades trans\* se posicionam dentro do sistema cis-heteronormativo e da importância de se garantir que elas ocupem mais espaços de poder na esfera social, sobretudo de se pensarem os deslocamentos que a presença dessas pessoas nos espaços educativos provoca:

*Tinha muito achismo, tinha pessoas que achavam que ser trans\* era isso, era aquilo, que ser trans tinha que ter a perna cabeluda, tinha que usar vestidos, minissaias, né? Que tinha que ter a voz grossa e não sei mais o quê. Eu digo não, esse é um imaginário que você criou, o que a sociedade criou e você acreditou. Então, quando a gente está nesses espaços, a gente coloca as pessoas para pensar, né? (JÚLIA, MULHER TRANS\*, 2021).*

Organização:



Apoio:



Fomento:



**João Pessoa - Paraíba, 25, 26 e 27 de setembro de 2024**



**XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares**  
**VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e**  
**Práticas Educativas**  
**IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo**

**"CRIAÇÕES DOCENTES E REIVENÇÕES CURRICULARES: escritas com outros mundos possíveis"**

*"[...] até o mês passado mesmo, eu estava lindona, o rosto estava perfeito, maquiagem e tal, e aí eu encontrei um colega, né? Ele ficou querendo insistir, dizendo para todo mundo: eu conheci o fulano (citou o nome morto), tipo, todo masculino quando era assim. (MAITÊ, MULHER TRANS\*, 2021).*

As narrativas de Júlia e de Maitê nos fazem pensar que o currículo oficial parece constituir-se enquanto um instrumento que opera na produção e na conservação das identidades que reproduzem a criação de espaços sociais os quais seriam pertinentes a determinados sujeitos. Um currículo que não se dedica à problematização das diferenças e do reconhecimento das múltiplas formas de existência acaba gerando um movimento que atua na manutenção das desigualdades sociais e pode impactar diretamente nas condições de permanência das pessoas trans\* que conseguem chegar à universidade. Júlia e Maitê, além de vivenciaram processos transfóbicos, ainda precisaram expor as formas com as quais deveriam ser tratadas. Nessa perspectiva, a universidade acaba se constituindo como mais um espaço de exclusão e de ausência de representatividade: *"Como é que eu me sinto sendo a primeira pessoa trans\* a entrar na Pós-Graduação da UFMA? E pra te dizer aqui amiga, é só luta, porque eu sou a única lá dentro"* (JÚLIA, MULHER TRANS\*, 2021).

A condição de discriminação, fortalecida pelo currículo e pela forma de conhecimento construído, e o modo com o qual está endereçado aos sujeitos, segundo Elizabeth Ellsworth (2001), pode interferir no processo de permanência qualificada na universidade, no que diz respeito a questões subjetivas e identitárias. Ao mesmo tempo, pode causar estranhamento nesse espaço às condições normativas e aos outros sujeitos nele presentes. Júlia conseguiu concluir a graduação e, no momento da entrevista, estava cursando o mestrado em Psicologia, mas sempre trazia em sua narrativa a problematização da presença de uma mulher trans\* na universidade e das questões que gravitavam em torno de si, bem como de suas dificuldades para enfrentá-las e para se manter na instituição:

*Tem pessoas que falam besteira porque acham que conhecem o que é transexualidade ou como se dirige a uma mulher trans\*. Então a gente tem todo esse emaranhado de situações, né? Que tornam, algumas vezes, o percurso, eu não diria difícil, mas eu diria pedregoso. (JÚLIA, MULHER TRANS\*, 2021).*

Organização:



Apoio:



Fomento:



**João Pessoa - Paraíba, 25, 26 e 27 de setembro de 2024**



**XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares**  
**VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e**  
**Práticas Educativas**  
**IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo**

**"CRIAÇÕES DOCENTES E REIVENÇÕES CURRICULARES: escritas com outros mundos possíveis"**

Ainda segundo Elizabeth Ellsworth (2001), a educação opera com modos de endereçamento<sup>2</sup>, apontando um perfil de identidade normatizada, deixando de considerar as pessoas que escapam a essa norma. Discutir as questões de normatização das identidades nos currículos, nas metodologias e nos processos pedagógicos das universidades, a partir desses modos de endereçamentos, possibilita-nos pensar nos modos com os quais esses endereçamentos têm se estabelecido, ao longo da história, em consonância com os padrões cis-heteronormativos, estabelecidos sob a trindade normativa do sexo/gênero/desejo.

Esses modos de endereçamento, sob o olhar de Guacira Lopes Louro (2003), constituem-se como práticas normalizadoras que aloca as identidades no centro ou à margem das fronteiras, sendo necessário que, para ocuparem os espaços centrais, os sujeitos estejam submetidos e enquadrados na normalização, a qual funciona como instrumento não apenas normalizador, mas também combativo dos perigos que a contranorma oferece à estabilidade da norma central.

As referências das identidades contempladas nos currículos, atos curriculares e modos de endereçamento parecem contribuir com práticas de discriminação que fazem com que estudantes trans\* não se sintam representados/as no meio acadêmico e não se reconheçam como pertencentes àquele espaço. Para essas pessoas, lidas como aquelas que estão à margem, as vivências universitárias podem ser marcadas por violências, discriminações e expulsão, vez que produzem impossibilidades de identificação, representatividade e autorreconhecimento, o que acaba gerando, também, problemas para permanecer:

*O lema da universidade não está valendo para mim, como que ela é uma universidade que cresce com inovação e inclusão social se ela não está me enxergando? Eu tive que pedir ao professor, todo o período para que me chamasse de Júlia. Eu não precisaria pedir isso se o lema da universidade valesse, né? Então, porque eu tenho que fazer isso? Porque eu sou tratada diferente dos outros? (JÚLIA, MULHER TRANS\*, 2021).*

<sup>2</sup> O modo de endereçamento é uma expressão relativa aos estudos do cinema. Os/As pesquisadores/as do campo problematizam esse conceito com o objetivo de avaliar questões referentes aos estudos do cinema, à crítica de arte e de literatura, à sociologia, à antropologia, à história e à educação. São discussões atinentes ao social e ao individual, como aquelas que pretendem pensar a relação entre o texto de um filme e experiência do/a espectador /a, a estrutura de um romance e a interpretação feita pelo/a leitor/a, uma pintura e a emoção da pessoa que contempla, uma prática social e a identidade cultural, um determinado currículo e sua aprendizagem (ELLSWORTH, 2001).

Organização:



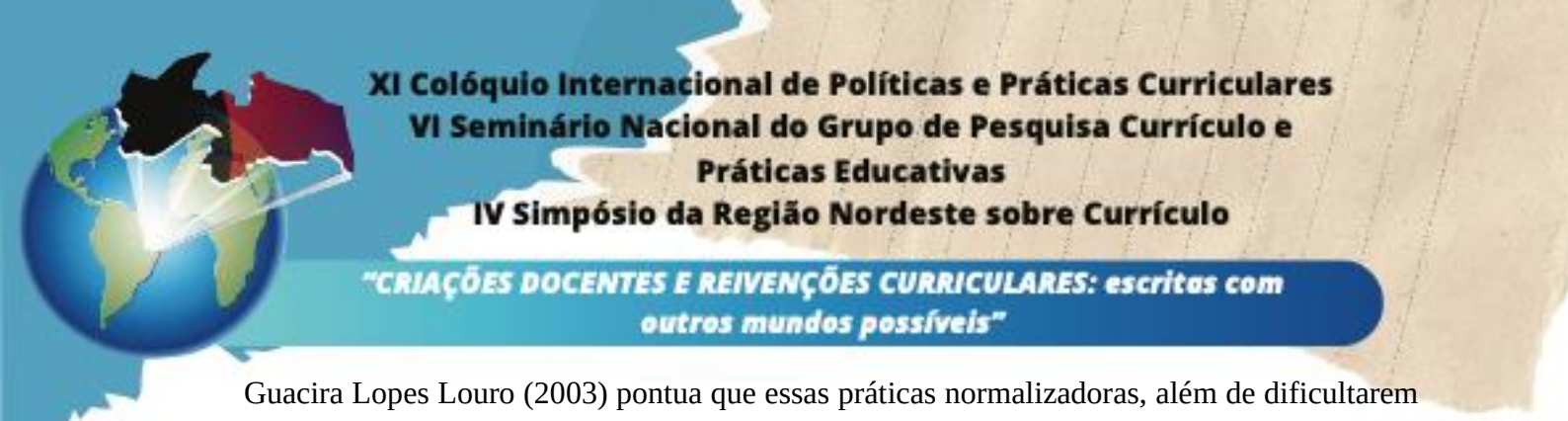
Apoio:



Fomento:



**João Pessoa - Paraíba, 25, 26 e 27 de setembro de 2024**



**XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares**  
**VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e**  
**Práticas Educativas**  
**IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo**

**"CRIAÇÕES DOCENTES E REIVENÇÕES CURRICULARES: escritas com outros mundos possíveis"**

Guacira Lopes Louro (2003) pontua que essas práticas normalizadoras, além de dificultarem as condições de permanência, podem atuar também na construção de arbitrariedades epistêmicas. A cis-heteronormatividade constitui a fronteira epistêmica das práticas pedagógicas oficiais, visto que sujeita as pessoas que não se enquadram nessa norma a uma variedade de violências, constrangimentos e calúnias. Para a autora, a precariedade das vivências das pessoas cujas identidades que não se constituem a partir do modelo cis-heteronormativo é resultado de um processo politicamente incitado tanto pelas práticas quanto pelos discursos de formação do sujeito ideal, aqueles constituídos com base na cis-heterossexualidade masculina, branca e de classe média.

A narrativa de Júlia nos diz que a universidade parece desqualificar e inferiorizar as identidades que divergem do projeto que valoriza o homem branco, heterossexual, de classe média, reforçando estruturas racistas e sexistas, estruturadas desde a colonização. Além disso, diz-nos que, embora tenham existido mudanças temporais, o que parece é que, ainda hoje, a presença das produções europeias, que reproduzem e legitimam a formação de um sujeito ideal, ainda é fortemente marcada nos currículos e nas disciplinas dos cursos superiores. Em um momento da entrevista, Júlia relatou que foi criada uma disciplina no curso de Turismo e Hotelaria, quando ela era graduanda, e, a partir da solicitação dela, do movimento que ela empreendeu. Quando perguntei se, antes disso, não havia nenhuma abordagem a respeito no curso que discutisse a temática, ela respondeu:

*Na verdade, eu arrisco a dizer que não tinha nada em curso nenhum. Porque, quando eu cheguei na psicologia, conversando com dois colegas que já são psicólogos, e aí, colocando umas questões até em aula. Eles disseram assim: - Gente, a gente nunca teve uma aula para falar disso, né? E aí, eu notei que depois disso, surgiram vários cursos de forma eletiva, né? Que deveriam ser obrigatórios, mas mesmo assim surgiram. As pessoas tiveram uma demanda muito grande, as pessoas começaram a procurar para fazer o curso, uma cadeira específica, porque era algo que elas não tinham na grade curricular. Você tem grupos que debatem gênero, e aí tem um grande problema, porque as pessoas se reúnem para falar sobre gênero e sexualidade, somente elas em uma sala fechada, terminou a reunião, aquilo acaba ali, sabe? Então quer dizer, se você não tiver ligação com esse grupo, você não participa. Então, quando você gera uma cadeira, mesmo eletiva, você abre portas para a universidade inteira. Teve vezes que eu fui falar sobre gênero, sexualidade e transexualidade, que o auditório lotou, as pessoas ficavam em pé. (JÚLIA, MULHER TRANS\*, 2021).*

As intelectuais feministas e negras bell hooks (1995) e Virgínia Wolf (2014) denunciam o fato de que a produção do conhecimento desconsidera as identidades que não se enquadram no modelo

Organização:



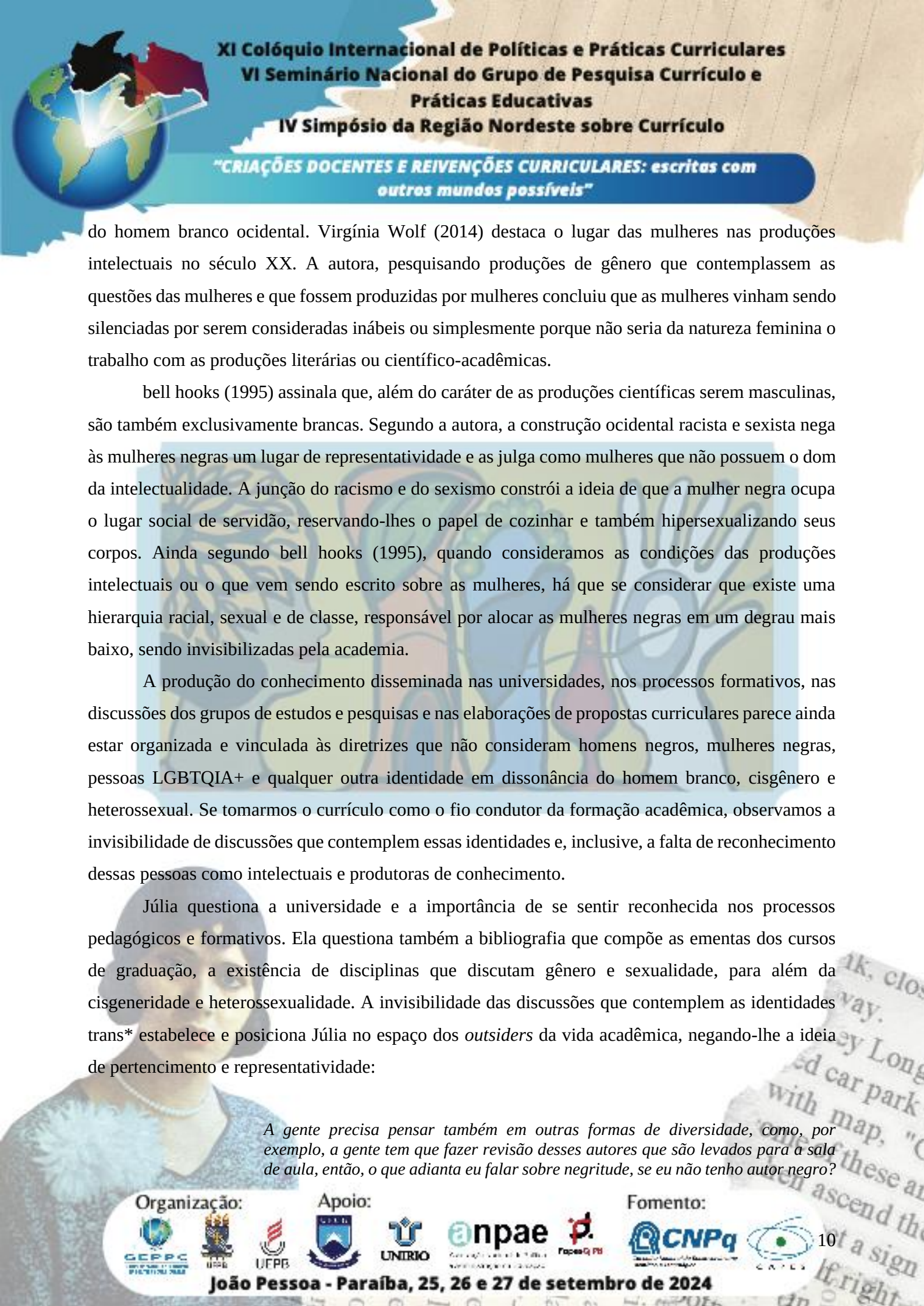
Apoio:



Fomento:



**João Pessoa - Paraíba, 25, 26 e 27 de setembro de 2024**



**XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares**  
**VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e**  
**Práticas Educativas**  
**IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo**

**"CRIAÇÕES DOCENTES E REIVENÇÕES CURRICULARES: escritas com outros mundos possíveis"**

do homem branco ocidental. Virgínia Wolf (2014) destaca o lugar das mulheres nas produções intelectuais no século XX. A autora, pesquisando produções de gênero que contemplassem as questões das mulheres e que fossem produzidas por mulheres concluiu que as mulheres vinham sendo silenciadas por serem consideradas inábeis ou simplesmente porque não seria da natureza feminina o trabalho com as produções literárias ou científico-acadêmicas.

bell hooks (1995) assinala que, além do caráter de as produções científicas serem masculinas, são também exclusivamente brancas. Segundo a autora, a construção ocidental racista e sexista nega às mulheres negras um lugar de representatividade e as julga como mulheres que não possuem o dom da intelectualidade. A junção do racismo e do sexismo constrói a ideia de que a mulher negra ocupa o lugar social de servidão, reservando-lhes o papel de cozinhar e também hipersexualizando seus corpos. Ainda segundo bell hooks (1995), quando consideramos as condições das produções intelectuais ou o que vem sendo escrito sobre as mulheres, há que se considerar que existe uma hierarquia racial, sexual e de classe, responsável por alocar as mulheres negras em um degrau mais baixo, sendo invisibilizadas pela academia.

A produção do conhecimento disseminada nas universidades, nos processos formativos, nas discussões dos grupos de estudos e pesquisas e nas elaborações de propostas curriculares parece ainda estar organizada e vinculada às diretrizes que não consideram homens negros, mulheres negras, pessoas LGBTQIA+ e qualquer outra identidade em dissonância do homem branco, cisgênero e heterossexual. Se tomarmos o currículo como o fio condutor da formação acadêmica, observamos a invisibilidade de discussões que contemplem essas identidades e, inclusive, a falta de reconhecimento dessas pessoas como intelectuais e produtoras de conhecimento.

Júlia questiona a universidade e a importância de se sentir reconhecida nos processos pedagógicos e formativos. Ela questiona também a bibliografia que compõe as ementas dos cursos de graduação, a existência de disciplinas que discutam gênero e sexualidade, para além da cisgeneridade e heterossexualidade. A invisibilidade das discussões que contemplem as identidades trans\* estabelece e posiciona Júlia no espaço dos *outsiders* da vida acadêmica, negando-lhe a ideia de pertencimento e representatividade:

*A gente precisa pensar também em outras formas de diversidade, como, por exemplo, a gente tem que fazer revisão desses autores que são levados para a sala de aula, então, o que adianta eu falar sobre negritude, se eu não tenho autor negro?*

Organização:



Apoio:



Fomento:





**XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares**  
**VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e**  
**Práticas Educativas**  
**IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo**

**"CRIAÇÕES DOCENTES E REIVENÇÕES CURRICULARES: escritas com outros mundos possíveis"**

*O que adianta eu falar sobre acessibilidade se eu não tenho um autor deficiente? O que adianta eu falar sobre transexualidade, lgbtfobia, se eu não tenho autor que é LGBT ou trans\*? (JÚLIA, MULHER TRANS\*, 2021).*

A ausência de bibliografia escrita por pessoas negras e trans\*, além de representar um referencial eurocêntrico, reforça o lugar de estranha, que ocupa uma mulher trans\* e negra na universidade. Não ser reconhecida significa não pertencer, não ser parte e, logo, não usufruir de condições qualificadas de permanência na universidade. Nesse sentido, Letícia Nascimento (2021) convoca as mulheres e demais pessoas a serem mais disponíveis para a leitura das produções escritas pelas pesquisadoras/as trans\* brasileiros/as. A autora afirma a importância de reconhecer, valorizar e compartilhar as experiências acadêmicas das mulheres transexuais e travestis como produtoras de epistemologias. É preciso fazer circular no ambiente acadêmico essas produções. Letícia Nascimento (2021) argumenta que as mulheres transexuais e travestis não são exemplos excêntricos de dissidência de gênero, disponíveis para serem pesquisados por pesquisadores/as e demais curiosos/as. A autora destaca as produções transfeministas como frutos de um processo epistemológico e político, construídas por e para mulheres transexuais e travestis.

Entendemos que a escassez de bibliografias que contemplem a discussão da diversidade, no nosso caso em especial, das identidades trans\*, contribui para o silenciamento, a invisibilidade e a falta de representatividade ou de reconhecimento de si no espaço acadêmico. Ao mesmo tempo em que se constitui um imaginário de que a universidade seja um espaço possível para a diversidade, a vivência e a livre expressão das identidades de gêneros e sexuais, afinal, Júlia conseguiu que a resolução do nome social fosse implementada, ela parece-nos também um território onde não se é possível representar as identidades trans\*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se omitir das discussões que contemplam as identidades que estão fora da normatividade de gênero, a universidade reforça o padrão cis-heterossexual como limite epistêmico, reproduzindo um sistema educacional que acompanha essas pessoas desde a Educação Básica. Esse sistema adota um princípio pedagógico sob o qual são construídas formas de pensar, de agir, de falar, de existir e de reconhecer somente um determinado tipo de identidade como natural e normal: a identidade cis-heterossexual, legitimando, assim, um sistema opressor, violento e hierarquizante. Júlia acabou

Organização:



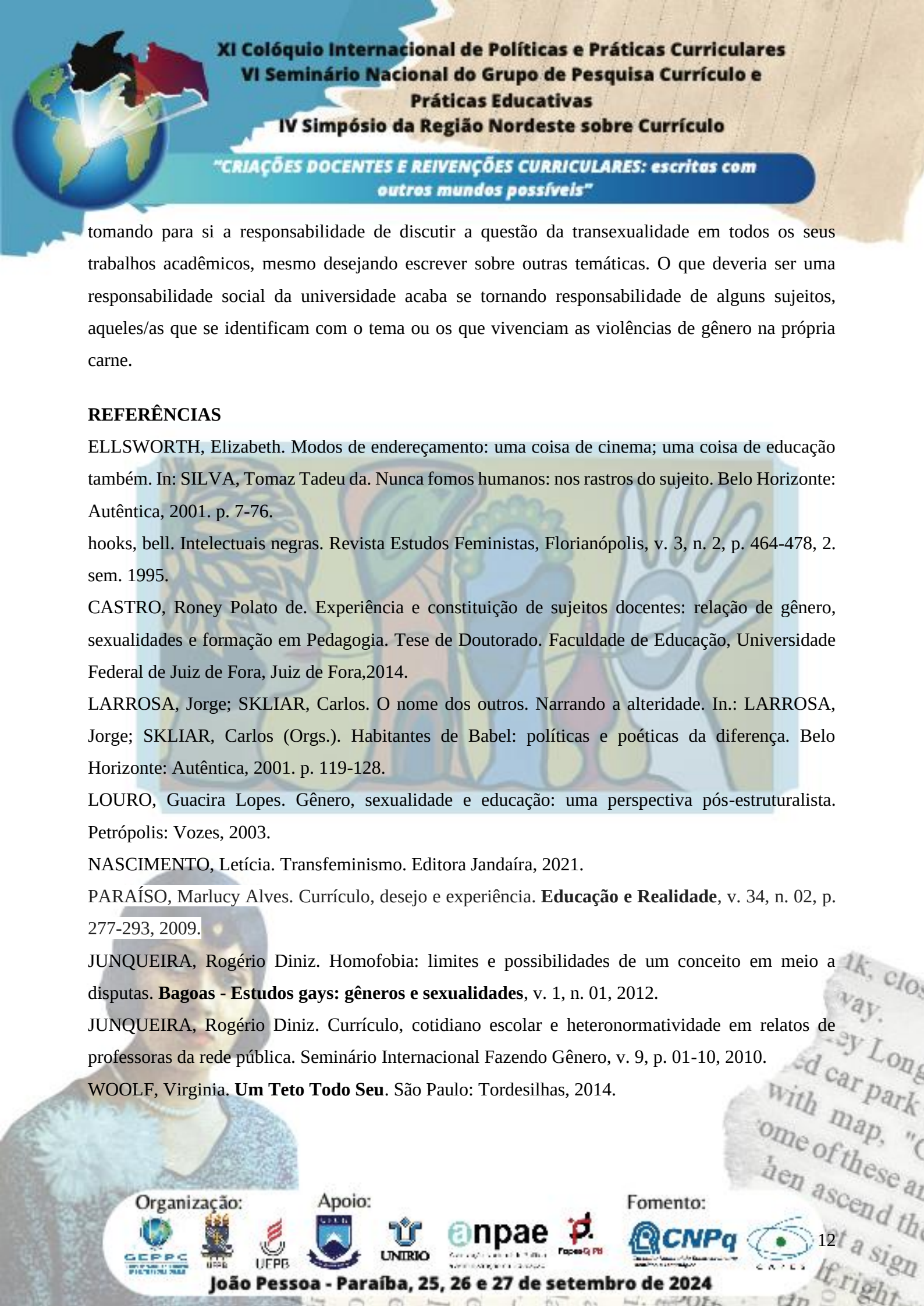
Apoio:



Fomento:



**João Pessoa - Paraíba, 25, 26 e 27 de setembro de 2024**



**XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares**  
**VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e**  
**Práticas Educativas**  
**IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo**

**"CRIAÇÕES DOCENTES E REIVENÇÕES CURRICULARES: escritas com outros mundos possíveis"**

tomando para si a responsabilidade de discutir a questão da transexualidade em todos os seus trabalhos acadêmicos, mesmo desejando escrever sobre outras temáticas. O que deveria ser uma responsabilidade social da universidade acaba se tornando responsabilidade de alguns sujeitos, aqueles/as que se identificam com o tema ou os que vivenciam as violências de gênero na própria carne.

## REFERÊNCIAS

- ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-76.
- hooks, bell. Intelectuais negras. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464-478, 2. sem. 1995.
- CASTRO, Roney Polato de. Experiência e constituição de sujeitos docentes: relação de gênero, sexualidades e formação em Pedagogia. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.
- LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. O nome dos outros. Narrando a alteridade. In.: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (Orgs.). Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 119-128.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2003.
- NASCIMENTO, Letícia. Transfeminismo. Editora Jandaíra, 2021.
- PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo, desejo e experiência. **Educação e Realidade**, v. 34, n. 02, p. 277-293, 2009.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 1, n. 01, 2012.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Currículo, cotidiano escolar e heteronormatividade em relatos de professoras da rede pública. Seminário Internacional Fazendo Gênero, v. 9, p. 01-10, 2010.
- WOOLF, Virginia. **Um Teto Todo Seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Organização:



Fomento:



**João Pessoa - Paraíba, 25, 26 e 27 de setembro de 2024**